

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Representações das relações de gênero por meio do desenho infantil: uma pesquisa bibliográfica

Vivian Souza Rosa, Matheus Estevão Ferreira da Silva, Alessandra de Moraes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15040>

Submetido em: 2026-02-04

Postado em: 2026-03-02 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO POR MEIO DO DESENHO INFANTIL: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

REPRESENTATIONS OF GENDER RELATIONS THROUGH CHILDREN'S DRAWINGS: A BIBLIOGRAPHICAL RESEARCH

REPRESENTACIONES DE LAS RELACIONES DE GÉNERO A TRAVÉS DE DIBUJOS INFANTILES: UNA INVESTIGACIÓN BIBLIOGRÁFICA

Vivian Souza Rosa¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6193-3570>
<viviansouzarosa.22@gmail.com>

Matheus Estevão Ferreira da Silva²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2059-6361>
<matheus.estevao2@hotmail.com>

Alessandra de Morais³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5521-9307>
<alemorais.shimizu@gmail.com>

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Marília, São Paulo (SP), Brasil.

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Marília, São Paulo (SP), Brasil.

³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Marília, São Paulo (SP), Brasil.

RESUMO: Objetivou-se mapear as produções acadêmicas nacionais que investigaram as representações das relações de gênero nos desenhos infantis. O mapeamento compreendeu tanto o processo de busca, seleção e organização dessas produções como a análise de seu conteúdo, evidenciando os principais aspectos enfocados (desde objetivos, metodologia, referencial teórico e resultados), bem como aspectos que não foram suficientemente abordados para, assim, subsidiar pesquisas futuras. Recorreu-se ao procedimento de pesquisa bibliográfica, selecionando produções que reportaram pesquisas que interseccionam o gênero com o desenho infantil, com delimitação a duas bases de dados: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal de Periódico da Capes. Foram encontrados somente 05 trabalhos que atenderam aos critérios definidos, sendo 02 dissertações de Mestrado e 03 artigos científicos, datando no período de 1999 a 2020. Embora essa linha de investigação tenha sido iniciada há décadas, ela não se consolidou em termos de volume de produção. Demonstrou-se que a maioria desses estudos, além dos desenhos infantis, também recorreram à oralidade das crianças e de adultos. A maioria também enfocou crianças da Educação Infantil e foi conduzida em escolas públicas. Os seus resultados foram unânimes em apontar que as representações reproduzem estereótipos e desigualdades de gênero. Além de recomendar mais estudos sobre a temática diante da escassez reportada, sugerimos que essas novas pesquisas contemplem crianças de outros níveis de ensino e idades, assim como atentem-se a outros marcadores sociais, como classe social, raça, etnia, sexualidade, dentre outros, que influenciam as representações das crianças sobre as relações de gênero.

Palavras-chave: Representações. Desenho infantil. Relações de gênero.

ABSTRACT: The objective was to map national academic productions that investigated the representations of gender relations in children's drawings. The mapping included both the process of

searching, selecting, and organizing these productions and the analysis of their content, highlighting the main aspects focused on (from objectives, methodology, theoretical framework, and results), as well as aspects that were not sufficiently addressed to support future research. The bibliographic research procedure was used, selecting productions that reported research that intersects gender with children's drawings, with delimitation to two databases: the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and the Capes Periodical Portal. Only 05 works that met the defined criteria were found, being 02 Master's dissertations and 03 scientific articles, dating from the period 1999 to 2020. Although this line of research began decades ago, it has not consolidated in terms of production volume. It was demonstrated that most of these studies, in addition to children's drawings, also used the oral language of children and adults. Most also focused on children in early childhood education and were conducted in public schools. Their results were unanimous in indicating that the representations reproduce stereotypes and gender inequalities. In addition to recommending more studies on the subject in view of the reported shortage, we suggest that these new studies include children from other levels of education and ages, as well as pay attention to other social markers, such as social class, race, ethnicity, sexuality, etc., which influence children's representations of gender relations.

Keywords: Representations. Children's drawings. Gender relations.

RESUMEN: El objetivo fue mapear las producciones académicas nacionales que investigaron las representaciones de las relaciones de género en los dibujos infantiles. El mapeo comprendió tanto el proceso de búsqueda, selección y organización de dichas producciones como el análisis de su contenido, destacando los principales aspectos abordados, así como los aspectos que no fueron suficientemente abordados. Se utilizó el procedimiento de investigación bibliográfica, seleccionándose producciones que relatasen investigaciones que intersecten el género con el dibujo infantil, con delimitación a dos bases de datos: la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD) y el Portal de Periódicos de Capes. Sólo se encontraron 05 trabajos que cumplieron con los criterios definidos, siendo 02 disertaciones de maestría y 03 artículos científicos, datados de 1999 a 2020. Si bien esta línea de investigación se inició hace décadas, no se ha consolidado en términos de volumen de producción. Se demostró que la mayoría de estos estudios, además de los dibujos de los niños, también utilizaron el lenguaje oral de niños y adultos. La mayoría también se centraron en los niños de Educación Infantil en escuelas públicas. Sus resultados fueron unánimes al señalar que las representaciones reproducen estereotipos y desigualdades de género. Además de recomendar más estudios sobre el tema a la luz de la escasez reportada, sugerimos que estos nuevos estudios incluyan a niños y niñas de otros niveles educativos y edades, así como que presten atención a otros marcadores Sociales que influyen las representaciones de las relaciones de género de los niños.

Palabras clave: Representaciones. Dibujo infantil. Relaciones de género.

INTRODUÇÃO

O desenho constitui-se como uma linguagem universal, presente em todas as formas culturais (HANAUER, 2013). Porém, mais do que um meio de comunicação e registro, para o qual tem sido utilizado historicamente, o desenho transcende a escrita e revela percepções, vivências e interpretações do mundo (LUQUET, 1969; JUNQUEIRA FILHO, 2005; HANAUER, 2013). Na infância, o desenho é uma das primeiras formas de expressão da criança, “um produto de sua atividade, uma manifestação da sua personalidade, uma criação” (LUQUET, 1969, p. 136).

Para Georges-Henri Luquet (1969), um dos principais teóricos do desenho infantil, o desenho é uma manifestação do “espírito” infantil, pois seu valor vai além do traço em si: é um registro

de suas experiências, identidades e das relações que estabelece com os outros, carregado de intenções e significados que lhe são próprios, mas que muitas vezes escapam aos adultos.

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (HANAUER, 2013, p. 74).

Nesse sentido, ainda que seja um documento social que revela como a criança interpreta e internaliza as estruturas do mundo ao seu redor (GOBBI, 1999), o desenho no contexto escolar é geralmente abordado somente como uma atividade lúdica ou pedagógica. Isso o esvazia de sua referida potencialidade como documento social, reduzindo-o a um mero exercício técnico ou recreativo, sem considerar sua capacidade de expressar as estruturas simbólicas e sociais que a criança está assimilando.

Não obstante, Mèredieu (1974) argumenta que a escolarização tende a padronizar os desenhos, enquadrando-os em modelos culturais pré-estabelecidos e, assim, limitando sua expressividade, o que o despoja da autêntica manifestação do “espírito” infantil apontada por Luquet (1969), transformando-o em reprodução de estereótipos em vez de expressão singular da criança.

Refletindo sobre a importância do desenho infantil na escola, Iavelberg (2013) defende que o(a) educador(a) deve adotar uma postura de escuta ativa. Em contrapartida do que é relatado por Mèredieu ([1974]2017) sobre a padronização escolar dos desenhos – que limita a imaginação e criatividade infantil –, a autora aponta que ao adulto, mais que avaliar o produto final, cabe-lhe a tarefa de compreender o processo criativo da criança, reconhecendo a sua produção e de auxiliá-la a superar desafios que surgem ao longo de seu fazer, em vez de ditar o que ela deve ou não produzir. Em outras palavras, ao buscar identificar seus desafios, oferecer acolhimento socioemocional e suportes adequados sem impor modelos pré-definidos, erige-se uma abordagem que transforma o desenho em uma ferramenta de autoria e autoconhecimento.

Quando a escola valoriza o desenho infantil por meio dessa abordagem, defendida por Iavelberg (2013), prezando pela liberdade autoral das crianças em seus desenhos em vez de corrigi-los ou uniformizá-los, sua função de representação – então central para o presente artigo –, é possibilitada. O desenho, portanto, torna-se processo de descoberta de si mesmo e de elaboração crítica da realidade (Luquet, 1969; Junqueira Filho, 2005; Hanauer, 2013), sendo capaz de revelar como a criança interpreta e organiza seu mundo interno e externo.

Nesse sentido, como um veículo privilegiado para identificar representações de mundo, o desenho é capaz de revelar estruturas culturais, relações de poder e construções identitárias, especialmente no que diz respeito às relações de gênero.

No que se refere ao conceito de gênero aqui empregado, este surgiu enquanto categoria para análise das relações sociais a partir da década de 1970, inicialmente para diferenciar o que era social (gênero) da biologia (sexo) no estudo dos papéis de homens e mulheres nas sociedades. De acordo com Silva e Brabo (2016) e Vianna (2015), pode-se dizer que, junto ao conceito de gênero, emergiu uma transformação profunda nos costumes, normas e representações sociais, impulsionada principalmente pela ação de dois Movimentos Sociais: o Movimento Feminista e o Movimento LGBTQIA+s (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais etc.)¹. Esses

¹ No âmbito deste artigo, adotamos a sigla LGBTQIA+ para representar a diversidade sexual e de gênero, população referida em sua totalidade com a sigla LGBTQICAPF2K+.

movimentos, que passaram a adotar o conceito de gênero e a contribuir com a sua própria teorização, não apenas questionaram papéis tradicionais de gênero, mas ressignificaram o próprio entendimento do gênero como construção histórica e cultural.

No âmbito deste trabalho, subsidiamo-nos no conceito de gênero fornecido por Joan Scott (1995, p. 115):

Por ‘gênero’, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos.

Na cultura ocidental, a construção do gênero foi historicamente pautada pelo patriarcado – um sistema que naturaliza a dominação masculina, transformando diferenças sexuais em hierarquias sociais rígidas (Gilligan, 2011; 2023). Nesse modelo, estabeleceram-se dois gêneros rigidamente delimitados, vinculados ao sexo biológico, valorizando tudo o que passou a ser classificado como “masculino” como superior e subordinando o “feminino” a funções restritas. Como destaca Ferreira (2004, p. 120), “coube ao homem o controle das instituições econômicas, legais e políticas e, à mulher, o cuidado da casa e dos filhos e a satisfação da sexualidade do marido”. Essa divisão, segundo a autora, dotou o homem de “um poder estrutural que lhe concedeu a primazia de grupo dominante”, fazendo da família um “locus privilegiado de reprodução de valores patriarcais referentes à superioridade masculina e inferioridade feminina”.

Essa divisão é encorajada e reforçada sistematicamente desde a infância, a partir do processo de socialização das crianças que se inicia no núcleo familiar e se consolida no ambiente escolar. Como explicam Silva e Brabo (2016, p. 133), essa construção se materializa desde cedo com a delimitação de espaços, brinquedos, roupas e outros atributos considerados “próprios” para cada gênero: os meninos “com carrinhos, dinossauros e soldados de brinquedo, preparando-se e assimilando-se à autonomia, à liderança e à agressividade”, enquanto as meninas são direcionadas a “miniaturas de utensílios domésticos, bonecas e pôneis, ajustando-se ao âmbito doméstico e resignado, à natureza, simulando a maternidade”.

Assim, a discussão sobre gênero na infância surge como urgente em uma sociedade que permanece marcada pelo binarismo de gênero patriarcal. O desenho infantil oferece um campo fértil para investigar como essas normas são internalizadas desde a infância, pois, como afirma Hanauer (2013), é uma das primeiras formas de a criança registrar sua visão de mundo.

Portanto, se o desenho é uma janela para o universo infantil, quais são as representações das relações de gênero, que permeiam a sociedade, que estão presentes nos desenhos infantis? Pesquisas pioneiras no assunto, como as de Gobbi (1999) e Belotti (1975), demonstraram que, desde os primeiros anos, meninas e meninos reproduzem, em suas produções gráficas, papéis sociais rigidamente demarcados.

Belotti (1975), ao analisar desenhos de crianças em escolas maternas, observou que, aos cinco anos, já existe uma clara distinção entre um “mundo feminino” (representado por cenas domésticas, flores, brincadeiras de roda) e um “mundo masculino” (composto por policiais, ladrões, operários, ações de aventura). Enquanto os meninos raramente incluíam personagens femininas em seus desenhos, as meninas frequentemente retratavam os meninos com admiração ou inveja, reproduzindo uma lógica de submissão e valorização do masculino.

Gobbi (1999), por sua vez, destaca que essas representações não são naturais, mas resultado de um processo de socialização que começa na família e se intensifica na escola. A autora relata, por exemplo, como crianças associam certas cores (como o vermelho) a estereótipos de gênero (“lápis vermelho é de mulherzinha”), evidenciando como normas culturais são assimiladas desde cedo. Além disso, a escola, ao priorizar certos temas e formas de desenho, muitas vezes reforça esses padrões, ignorando produções que fogem ao esperado (MÉREDIEU, 1974).

Décadas após as pesquisas pioneiras de Belotti (1975) e Gobbi (1999), ainda não há no Brasil um estudo que sistematize o panorama da produção acadêmica sobre essa linha de investigação por elas inaugurada, que intersecciona o gênero com o desenho infantil. Diante dessa lacuna, bem como do exposto anteriormente, o presente artigo tem como objetivo mapear as produções acadêmicas nacionais que investigaram as representações das relações de gênero nos desenhos infantis.

O mapeamento, além de compreender o processo de busca, seleção e organização das produções dessa literatura, também se deu a partir da análise de seu conteúdo. Essa análise se ateve em evidenciar as características e principais aspectos enfocados nessas produções (desde objetivos, metodologia, referencial teórico e resultados), assim como em evidenciar quais são os aspectos que ainda não foram suficientemente abordados e assim subsidiar pesquisas futuras.

Para alcançar nosso objetivo, recorreremos ao procedimento de “pesquisa bibliográfica” conforme Lima e Miotto (2007), selecionando produções que reportam pesquisas que interseccionam o gênero com o desenho infantil, com delimitação àquelas indexadas nas bases de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódico da Capes.

METODOLOGIA

Primeiro, cabe salientar porque o presente estudo foi caracterizado como “pesquisa bibliográfica” e não como “revisão bibliográfica”. De acordo com a distinção fornecida por Lima e Miotto (2007, p. 38), “a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos [...] que, por isso, não pode ser aleatório”. Então, se a revisão bibliográfica é um recurso constitutivo e subordinado à pesquisa bibliográfica – caracterizando-se pela seleção de materiais bibliográficos aleatoriamente, sem critérios de seleção específicos definidos previamente –, optamos pelo uso da terminologia “pesquisa bibliográfica”, por esta exigir e seguir tais critérios. Para esclarecimento, os critérios para este estudo foram: 1) os descritores utilizados; 2) as estratégias de busca (ou operadores booleanos); 3) as bases de dados eleitas; e 4) abordagem do desenho infantil e das relações de gênero como tema de pesquisa.

Entre os meses de maio e julho de 2024 foram realizadas buscas em duas bases de dados, a BDTD e o Portal de Periódico da Capes, que indexam produções acadêmicas nos formatos, respectivamente a cada uma, de teses e dissertações e de artigos científicos. Como estratégia de busca para a localização dos materiais, utilizamos o descritor principal “desenho infantil”, combinado separadamente com os descritores “relações de gênero” e “expressão de gênero” por meio do operador booleano “AND”, realizando buscas distintas para cada combinação.

Para a seleção dos materiais, dentre os resultados obtidos nas buscas, os critérios de inclusão foram: 1) abordar o desenho como uma forma de linguagem e de expressão; e 2) relacionar a produção artística das crianças com as representações das relações de gênero. Devido ao pequeno número de materiais encontrados, optamos por não limitar a data de publicação. No Portal de Periódicos da Capes, foram encontrados 11 artigos, dos quais 03 foram selecionados, enquanto na BDTD foram encontradas 95 teses/dissertações, das quais somente 02 dissertações foram selecionadas. Os outros 08 artigos 93 teses/dissertações foram descartados para integrar o nosso mapeamento e, por conseguinte, compor o corpus de análise, visto que não atendiam aos critérios de inclusão da pesquisa ou sequer se relacionavam com a temática – em vários casos, por exemplo, o material constava nos resultados obtidos apenas por

mencionar a palavra “gênero” de passagem, sem qualquer tratamento efetivo do tema em pesquisa sobre o desenho infantil.

É preciso esclarecer que um dos critérios de inclusão, anteriormente citado, tratou-se justamente de ter o desenho infantil e as relações de gênero como *tema de pesquisa* e não como mera *variável*. Abordá-los como tema é tê-los como objeto central na investigação realizada, isto é, ter a a intersecção entre desenho infantil e relações de gênero como eixo norteador de toda a investigação, orientando a construção do problema de pesquisa, o marco teórico, as estratégias analíticas e etc. Em contrapartida, considerá-los como variáveis implicaria em considerá-los apenas de forma pontual na pesquisa, sem que houvesse, desde o início, a intencionalidade de examinar sistematicamente essa intersecção dos temas, citando o gênero ou o desenho infantil em algum momento do texto, mas de forma espontânea ou ocasional, sem que essa fosse a intenção da investigação reportada. Esse critério foi decisivo na inclusão dos materiais que realmente se enquadram no escopo da revisão, o que posteriormente demonstraria que essa linha de investigação não se consolidou em termos de volume de produção.

Os materiais encontrados são apresentados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Materiais bibliográficos encontrados nas bases de dados BDTD e Portal de Periódicos da Capes segundo ano de publicação, autoria, título, formato e Universidade de publicação

Data	Autoria	Título	Formato	Universidade de publicação
1999	GOBBI, Márcia	Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas	Artigo	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
2001	MONTAGNA, Adelma Pistun	Expressões de gênero no desenho infantil	Dissertação	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
2016	PIMENTA, Daniele Duarte	O desenho de meninas e meninos na educação infantil: um estudo sobre relações de gênero na infância	Dissertação	Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)
2018	GIBIM, Ana Paula Pereira Gomes; MÜLLER, Fernanda	O que crianças pensam sobre família e relações de gênero?	Artigo	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
2020	PEREIRA, Artur Oriel; SANTIAGO, Flávio	Cores que desenham o mundo: infâncias e as marcas de gênero, raça e classe	Artigo	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Fonte: Dados dos autores

Legenda: O quadro apresenta a relação de materiais bibliográficos encontrados a partir das buscas nas bases de dados eleitas, BDTD e Portal de Periódicos da Capes, materiais que se encontram organizados no quadro segundo os critérios de ano de publicação (1999, 2001, 2016, 2018 e 2020), autoria, título, formato (03 artigos e 02 dissertações de Mestrado) e Universidade de publicação (Unicamp, UFU, Unifesp e UFSC).

Os 05 trabalhos selecionados, duas dissertações de Mestrado e três artigos, foram organizados no Quadro 1, por ordem crescente do ano de publicação, seguido do(s) nome(s) de autoria, título do trabalho, formato em que foram veiculados e Universidade de origem da publicação. Além desses 05 trabalhos, foram encontrados dois artigos que não atenderam aos critérios de inclusão, mas que foram utilizados para fomentar as discussões pertinentes à temática.

Cabe ressaltar, desde já, que esse levantamento revela a escassez de estudos sobre as representações de gênero nos desenhos infantis, embora as referidas pesquisas pioneiras de Belotti (1975) e Gobbi (1999) – a primeira que não esteve entre os resultados das buscas nas bases de dados, enquanto a segunda esteve e, portanto, integrou o presente mapeamento – demonstrem que esta linha de investigação foi iniciada há décadas. O que se pode inferir a partir disso é que essa linha não progrediu de forma a desenvolver uma produção acadêmica robusta, que seria esperada ao longo do tempo.

Apesar de não haver restrição quanto ao ano de publicação, pelo motivo informado de se tratar de uma literatura ínfima em termos de volume de produção, pudemos observar que os trabalhos selecionados foram: um de 1997, um de 2001, um de 2016, um de 2018 e um de 2020. Outro fato interessante é que a maioria dos autores são mulheres, ao todo são cinco autoras (sendo que um dos artigos teve duas autoras) e dois são homens. Em relação ao local de publicação das pesquisas, notamos que três são de faculdades localizadas em São Paulo, uma em Minas Gerais e uma em Santa Catarina, e todas são instituições públicas. Procuramos aprofundar essas e outras questões, a partir da análise do conteúdo dessas produções, na discussão a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para apresentação dos principais aspectos enfocados pelas pesquisas veiculadas nos 05 trabalhos selecionados, realizou-se a leitura e análise de seu conteúdo. A saber, esses aspectos, sumariamente descritos a seguir, foram: seus objetivos, metodologia, referencial teórico (principais referências) e resultados.

Gobbi (1999) teve como objetivo identificar e compreender como são construídas as relações de gênero em desenhos produzidos por quatro meninos e quatro meninas, na faixa etária de quatro anos, levando-se em conta seus traços e a oralidade de quem os produziu. As oito crianças participantes frequentavam uma escola municipal de Educação Infantil da cidade de São Paulo. Além dos desenhos produzidos pelas crianças, a autora utilizou como metodologia a roda de conversa, debatendo com as crianças, acompanhadas de seus pais, questões relacionadas à casa e ao papel de cada um nos afazeres domésticos, a fim de perceber mudanças e permanências nas relações estabelecidas entre homens e mulheres, a construção do gênero e sua relação com as crianças.

Foi constatado que, nos desenhos das crianças de ambos os gêneros, quando casas eram desenhadas, a parte que mais aparecia era referente à cozinha, com a presença feminina predominando nesse espaço, embora isso contrastasse com Belotti (1975 apud Gobbi, 1999), que afirmara que apenas as meninas retratavam afazeres domésticos. Através dos desenhos, falas das crianças e dos pais, a autora observou o reflexo de que às mulheres coube a dupla jornada de trabalho, mas também percebeu indícios de uma mudança em relação aos papéis de gênero, como no caso de uma mãe que relatou ter conversado com a sua filha sobre a desnaturalização do trabalho doméstico às mulheres – também reflexo de uma transição nas relações mantidas entre homens e mulheres, inclusive com homens ocupando espaços antes vistos como femininos. Gobbi (1999) concluiu que os desenhos das crianças e as suas falas, somadas a de seus pais e mães, mostram um cenário de mudanças e podem até auxiliar os adultos, em um diálogo intergeracional, sobre as transformações sociais em curso.

Montagna (2001) analisou os desenhos de crianças (oito meninas e doze meninos, entre cinco e seis anos) de uma turma da Educação Infantil em escola privada da região central de Londrina, com o objetivo de identificar como as expressões de gênero se manifestavam em seu repertório gráfico. A pesquisa, de caráter etnográfico, combinou observação participante com análise dos desenhos infantis e registro de suas falas. Complementarmente, foram realizadas entrevistas com professores, coordenadores e os próprios alunos, visando contextualizar as produções infantis em seus ambientes e realidades específicas.

As observações diretas da autora demonstraram que as interações das crianças com o meio forneciam os elementos que constituiriam seu repertório referencial acerca dos papéis de gênero – e que conseqüentemente se expressariam em suas linguagens, como no desenho. Dessa forma, refletindo as vivências das crianças, constataram-se diferenças entre os desenhos de meninas e de meninos, desde a estrutura da composição, utilização de recursos visuais ou funcionais, na movimentação da cena e na escolha das cores, entre outros aspectos. As meninas representaram espaços estáticos, internos e domésticos, utilizando muitas cores, com predominância das cores quentes e vibrantes, além de detalhes decorativos. Os meninos representaram espaços externos, distantes dos domínios domésticos, excitantes, sujos, com muita ação e movimento, sem muitos elementos decorativos e pouca variedade de cores, dando preferência às cores frias ou neutras (como verde, azul, marrom, cinza e preto).

Pimenta (2016) investigou os desenhos de meninos e meninas com o objetivo de identificar como as crianças expressavam as marcas de gênero em suas produções gráficas, analisando quais eram

os traços, temas e assuntos retratados. A pesquisa, de caráter etnográfico, foi desenvolvida durante um ano em uma escola pública de Educação Infantil da rede municipal de São Paulo. Como professora de uma turma de crianças entre quatro e cinco anos dessa escola, a autora assumiu a dupla posição de professora-pesquisadora, tendo seus próprios alunos como sujeitos da investigação. Além da observação participante, coletou sistematicamente tanto os desenhos quanto as falas infantis sobre representações de gênero, estabelecendo assim uma análise integrada entre a produção gráfica e a oralidade das crianças.

O fato de a pesquisa ter sido desenvolvida continuamente ao longo de um ano, possibilitou a pesquisadora identificar as transformações nas expressões de gênero nos desenhos das crianças, tanto suas rupturas como permanências. Dentre a variedade de temas abordados em seus desenhos, destacaram-se: “as formas de organização da casa e da distribuição das tarefas domésticas, as escolhas das cores, o espaço do pai e da mãe na família, as marcas do masculino e do feminino, os brinquedos e as brincadeiras” (Pimenta, 2016, p. 141), entre outros. As crianças, sobretudo as meninas, representaram a maternidade e o trabalho doméstico como marcas do universo feminino, mesmo que as suas próprias mães trabalhassem fora de casa – o que evidencia a gravidade da permanência dessas marcas desde a infância. Revelaram-se, assim, os modos de relação com os adultos presentes nas culturas das infâncias, diante de situações em que crianças reproduzem os estereótipos de gênero em um mundo apartado pelas práticas adultocêntricas, restringindo a oportunidade de ser menina e menino ao impor limitações.

Porém, também foram identificados momentos em que elas demonstraram a capacidade de ultrapassar as fronteiras de gênero, criando brechas e rompendo com esses estereótipos ao apresentarem relações e traços não marcados pela separação dos gêneros. Isso ficou evidente quando uma menina representou uma guitarra como seu brinquedo preferido ou quando meninos desenharam flores e rostos com maquiagem, reivindicando espaços e papéis que vão além dos padrões estabelecidos pelos adultos. A autora concluiu que, nas interações entre seus pares e com os adultos, as crianças podem tanto incorporar certos estereótipos de gênero como ressignificá-los, demonstrando que as expectativas de gênero são ativamente construídas e negociadas nessas relações sociais, a depender do ambiente em que estão inseridas.

Gibim e Müller (2018) investigaram as representações de crianças de cinco anos usuárias da Educação Infantil sobre a temática famílias, relações intergeracionais e de gênero que são estabelecidas no âmbito familiar. O trabalho de campo consistiu na coleta dos desenhos e das narrativas das crianças participantes. As autoras constataram que os desenhos das crianças, em sua maioria, retratavam suas mães e/ou avós associadas aos cuidados dos filhos/netos e da casa, evidenciando um “processo de imitação e apropriação das representações sociais de poder, submissão e práticas generificadas” (Gibim; Müller, 2018, p. 87). Outros estereótipos de gênero, que também desvelam uma sociedade enraizada e estruturada sob valores patriarcais, foram notados, os quais eram presentes nas dinâmicas familiares que cercavam as crianças.

As autoras concluem que o processo de “empoderamento” se inicia na pequena infância, por meio de experiências político-sociais que promovam o conhecimento de si e do outro em um contexto não sexista, machista ou homofóbico, ou seja, onde seja possível crescer e participar das mesmas oportunidades independentemente de classe social, gênero, geração ou raça/etnia. Nesse cenário, a Educação Infantil assume um papel relevante ao dividir com as famílias a responsabilidade pela educação e cuidado, incentivando a transformação dos papéis parentais e contribuindo para a formação de uma sociedade mais igualitária e livre de discriminações.

Baseando-se nos desenhos de meninos e meninas com idade entre oito e nove anos, Pereira e Santiago (2020) buscaram compreender como as crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental concebem as infâncias vivenciadas por elas, na periferia da cidade de São Paulo, evidenciando as marcas de gênero, raça e classe. Foram coletados os desenhos de crianças de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino na região leste da cidade de São Paulo. Houve diálogos com as crianças e escuta do que elas tinham a dizer sobre suas produções, pondo em destaque o protagonismo infantil.

A análise dos desenhos das crianças identificadas como João, Marta, Tobias e José revelou que as crianças retrataram principalmente momentos de brincadeira e interação entre pares, evidenciando divisões binárias de gênero. Enquanto João desenhava meninos realizando atividades como correr, jogar bola e empinar pipa, Marta focou no cuidado com o corpo e na manutenção de uma aparência feminina

e bela, reforçando hierarquias e diferenciações nas relações de gênero. Tobias, por sua vez, representou atividades como jogar videogame, andar de patinete e descansar em seu quarto, confirmando as delimitações de gênero em práticas cotidianas. Já o desenho de José destacou-se por transgredir essas normas ao mostrar-se jogando futebol com as meninas de sua turma. Os autores observaram que, embora as meninas demonstrem maior liberdade para ocupar espaços tradicionalmente masculinos, nenhum menino retratou tarefas consideradas femininas, reflexo da percepção da infância feminina como mais flexível e a masculina como rigidamente normatizada. Concluiu-se que, ao representarem suas vivências na periferia de São Paulo, essas crianças não apenas reproduzem, mas também reinterpretam e ressignificam os papéis de gênero, posicionando-se como agentes ativos na construção de suas realidades.

Feita essa exposição, passamos agora a salientar os principais aspectos enfocados pelos trabalhos e outras impressões que tivemos com a leitura de seu conteúdo. No que se refere aos objetivos traçados, pudemos notar que as(os) autoras(es) utilizaram, de modo geral, o desenho para compreender as vivências das crianças e como elas percebem e constroem as relações de gênero, seja no âmbito familiar e/ou escolar. Com isso, todas as produções reportaram pesquisas de campo, então realizadas em diferentes momentos distribuídos no espaçamento de tempo de duas décadas (sendo 1999 a data da primeira publicação nesse período e 2020 a data publicação mais recente).

Em suas metodologias, a maioria, 04 do total de 05 produções, nomeadamente Gobbi (1999), Montagna (2001), Pimenta (2016) e Pereira e Santiago (2020), relacionou os desenhos com a oralidade infantil, deixando explícita a importância de se considerar a narrativa das crianças autoras dessas produções artísticas em seus objetivos de investigação. Isso significa que, para além da interpretação adulta, é fundamental compreender a intenção e o significado que a criança atribui à sua representação gráfica, como defende Iavelberg (2013). Ademais, em 02 dos 05 trabalhos (Gobbi, 1999; Montagna, 2001), as pesquisas foram ainda além da observação dos desenhos e da escuta das narrativas das crianças, realizando entrevistas também com os pais e mães das crianças e/ou com coordenadores(as) e professores(as) das escolas que elas frequentavam.

Pôde-se observar que 04 trabalhos compreenderam, em suas amostras, crianças usuárias da Educação Infantil, enquanto apenas 01 compreendeu crianças usuárias do primeiro ciclo do Ensino Fundamental (Pereira; Santiago, 2020), evidenciando a escassez de trabalhos, dentro de uma literatura que constatamos já escassa, que abordam a produção do desenho nesse nível de ensino. Somente 01 trabalho (Montagna, 2001) teve como local de pesquisa uma escola privada, ao passo que as demais foram realizadas em escolas públicas. Assim, além de continuarmos a reforçar a necessidade de mais investigações sobre o tema, adicionamos a isso a recomendação de que elas não se restrinjam à Educação Infantil, mas que também contemplem outros níveis de ensino – analisando as representações de crianças mais velhas –, bem como que busquem compreender como as dinâmicas de classe social e outras variáveis sociodemográficas – marcadas pela distinção entre redes pública e privada – influenciam essas representações.

Um aspecto metodológico que nos chamou a atenção foi o fato de que Pimenta (2016), ao assumir o papel de professora-pesquisadora, dedicou um ano letivo inteiro à observação dos desenhos de suas alunas e alunos, o que lhe permitiu acompanhar as transformações e diferentes fases dos traços infantis. Esse se destacou como o único estudo com abordagem longitudinal, em contraste com os demais, que adotaram uma modalidade transversal de pesquisa. Então, diferentemente dos outros estudos, que capturaram as representações das relações de gênero nos desenhos como elas se apresentavam em um único momento, a autora conseguiu registrar os processos de mudança ao longo do tempo – podendo relacionar transformações nos desenhos com eventos específicos e identificar causas, nuances e contextos sobre como as interações sociais influenciavam as representações infantis.

Sobre os resultados dessas pesquisas, foi unânime entre elas a constatação de haver diferenças entre os desenhos de meninas e de meninos no que se refere a como as relações de gênero são representadas, seja pelo conteúdo do que estava sendo representado, pelos traços ou, até mesmo, pelo uso e preferência por certas cores. No caso desse último, como exemplo, Montagna (2001) e Gibim e Müller (2018) observaram a preferência das meninas por cores quentes, em especial a cor rosa, e dos meninos por cores frias, principalmente a cor azul. Notou-se, ainda, nesses dois estudos, permanências de estereótipos de gênero quanto à divisão de papéis em tarefas domésticas, com o cuidado dos filhos e da casa atrelados, quase sempre, às mulheres.

Em sentido semelhante, Gibber (1997) observou que a cozinha era o cômodo mais retratado nos desenhos infantis de casas e que personagens femininas predominavam nesse espaço; Pimenta (2016) identificou a maternidade e afazeres domésticos como marcas do universo feminino, mesmo que as mães das crianças de seu estudo trabalhassem fora de casa; e Pereira e Santiago (2020) revelaram que os desenhos que retrataram brincadeiras e interação entre pares reforçavam divisões binárias de gênero.

Em 02 desses trabalhos (Pimenta, 2016; Gibim; Müller, 2018), contudo, houve a constatação do agenciamento das crianças entre seus pares e com os adultos. Dessa forma, os resultados demonstraram que a forma como as expressões de gênero das crianças se manifesta – tanto nos desenhos quanto fora dele, em outras dimensões de suas vidas – depende diretamente da qualidade da socialização que recebem. Foi revelado que as crianças atuam como agentes ativos na construção de suas realidades, podendo tanto incorporar estereótipos de gênero quanto ressignificá-los, o que mostra como as normas de gênero são negociadas conforme o contexto social. Esse fenômeno torna-se especialmente visível na construção da identidade de gênero, conforme demonstram estudos em Psicologia do desenvolvimento humano (Gilligan, 2011; 2023). Nesses casos, crianças cujos gostos divergem do esperado para seu gênero acabam expressando preferências fictícias para se adaptarem socialmente, revelando sua identidade real apenas em contextos seguros para a sua própria sobrevivência nesse meio.

Em seus estudos longitudinais sobre o desenvolvimento infantil, Gilligan (2011; 2023) introduz o conceito de “patriarcado” ao analisar as normas culturais que dividem as qualidades humanas em categorias de “masculino” e “feminino”, ao mesmo tempo que estabelecem uma hierarquia entre elas. Nas sociedades patriarcais, características humanas universais (que todas as pessoas podem manifestar/sentir/gostar) tornam-se generificadas, sendo classificadas como “masculinas” ou “femininas”, então de acordo com as expectativas sociais impostas a cada gênero. Entrevistando crianças de diferentes idades por décadas, Gilligan (2023) identificou que a socialização às normas de gênero, que chama de “iniciação ao patriarcado”, intensifica-se mais cedo para os meninos, já na primeira infância, e mais tarde para as meninas, no início da adolescência. Seus resultados demonstram que essa cisão das qualidades humanas (meninas desligam-se do que é considerado masculino e meninos do que é considerado feminino) gera sofrimento psicológico e danos morais e emocionais, desumanizando-os(as): as meninas passam a silenciar suas opiniões e questionar seu próprio conhecimento, enquanto os meninos se distanciam emocionalmente, tornando-se progressivamente menos empáticos.

Gilligan (2011), no entanto, também introduz o conceito de “resistência” ao observar, em seus estudos sobre desenvolvimento, que existem crianças e adolescentes capazes de resistir à iniciação ao patriarcado. Para a autora, manter-se fiel à identidade de gênero autêntica, recusando-se a abrir mão dela, seria o indicativo de uma psique saudável e resiliente. Essa perspectiva ecoa nos trabalhos de Pimenta (2016) e Gibim e Müller (2018), que documentaram desenhos de crianças que desafiaram estereótipos de gênero, as quais utilizaram de estratégias como encontrar brechas ou estabelecer negociações com as normas vigentes.

Dado o exposto, mesmo diante das transformações sociais vistas nas últimas décadas nas ordens do gênero, como mencionado anteriormente (Silva; Brabo, 2016; Vianna, 2015), como a crescente ocupação das mulheres no mercado de trabalho e na vida pública, os resultados das pesquisas que integraram o nosso mapeamento reafirmam que os estereótipos e as desigualdades de gênero persistem ao longo do tempo, sendo representadas fielmente nos desenhos infantis.

Os resultados de cada pesquisa pouco contrastaram entre si, o que é ainda mais preocupante se considerarmos que os estudos analisados abrangem um período relativamente longo, de 1999 a 2020. Sendo assim, pode-se inferir que os estereótipos e as desigualdades permanecem presentes nas escolas e nas representações das crianças, com exceção de alguns desenhos que retrataram mudanças e transformações, mas que ainda permanecem como minoria. A resistência, à luz do conceito fornecido por Gilligan (2011), apresenta-se como um processo isolado, ainda longe de se concretizar ou de se constituir como tendência emergente.

Um último aspecto a ser destacado é acerca do referencial teórico utilizado pelas pesquisas selecionadas para viabilizar suas análises das representações das relações de gênero nos desenhos, unindo duas literaturas distintas, referentes ao desenho infantil e aos Estudos de Gênero respectivamente. Primeiro, no que tange ao desenho, os autores Luquet (1969), Mèredieu (1974) e Lowenfeld (1977) foram citados por Gobbi (1999) e Montagna (2001), enquanto Iavelberg (2013) – mencionada nessas duas

produções – também foi mencionada por Pimenta (2016). Tratam-se de importantes teóricos(as) do desenho infantil que, em sua maioria (Luquet, 1969; Mèredieu, 1974; Iavelberg, 2013), integraram igualmente nosso referencial teórico para a produção deste artigo.

No que concerne às referências teóricas sobre gênero, Scott (1995) foi citada por Pimenta (2016) e Gibim e Müller (2018) – autora que também integra nosso referencial teórico –, enquanto Saffiotti (1992) foi referenciada por Gobbi (1999). Os demais trabalhos citaram diferentes autores que já articulam gênero e infância, sem necessariamente se fundamentar diretamente em teóricos clássicos dos Estudos de Gênero. Para subsidiar suas análises dos desenhos infantis, algumas pesquisas recorreram a autores da Sociologia da Infância, como Sarmiento (2004), citado por Pimenta (2016), e Corsaro (2011), referenciado por Pereira e Santiago (2020). Outras utilizaram autores brasileiros das ciências sociais, caso de Freire (2003), mencionado por Pimenta (2016), e Freyre (2006), citado por Gibim e Müller (2018).

Constatamos que a obra mais citada, que aparece em 04 dos 05 trabalhos, é a de Gobbi (1999), justamente o trabalho mais antigo apresentado no Quadro 1, sendo que um deles, especificamente Pimenta (2016), utiliza ainda outro artigo da mesma autora (Gobbi, 2014), evidenciado tanto a importância da contribuição das pesquisas de Gobbi para o tema do desenho e relações de gênero como o reconhecimento das investigações que vieram antes e inauguram essa linha de pesquisa. Os outros estudos citam diferentes autores(as) que não foram apontados aqui por não aparecerem em comum.

Além disso, Gobbi (1997) e Montagna (2001) referenciaram Marino (1957), que aborda uma pesquisa de campo sobre a sexualidade infantil e o desenho sob a ótica da Psicologia.

Assim, embora todos os trabalhos analisados, dada sua linha investigativa comum, tangenciem conhecimentos psicológicos – particularmente no que concerne à subjetividade infantil frente às normas de gênero patriarcais e à questão da identidade de gênero –, cabe ressaltar a necessidade de integrar referenciais psicológicos a essas análises, como aqui fizemos ao incluir Gilligan (2011; 2023). As contribuições, especificamente dessa autora, muito contribuiriam para as análises de Pimenta (2016) e Gibim e Müller (2018) sobre a produção da resistência – no que se refere ao agenciamento das crianças. Não se trata de afirmar qual referencial, subsidiário dos Estudos de Gênero ou não, seria mais adequado – seja a Sociologia da Infância, que fundamentou várias das pesquisas, seja a Psicologia do desenvolvimento ou outros –, mas sim de reconhecer a natureza interdisciplinar do tema e a multiplicidade de perspectivas teóricas potencialmente frutíferas para sua análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo mapear as produções acadêmicas nacionais que investigaram as representações das relações de gênero nos desenhos infantis. Com base na pesquisa bibliográfica conduzida nas bases de dados BD'ID e Portal de Periódico da Capes, foram encontramos 05 trabalhos no total, sendo 03 artigos e 02 dissertações. Esses trabalhos datam ao longo do período de duas décadas, de 1999 a 2020, embora fosse de nosso conhecimento a existência da pesquisa de Belotti (1975) sobre o tema, muito antes desse período – o que sugere que essa linha de investigação é mais antiga do que o presente mapeamento aparentou indicar².

Sobre os principais aspectos dessas produções que buscamos destacar, em seus objetivos, todas convergiram para a proposta comum anunciada: utilizar os desenhos infantis como meio para acessar e analisar representações das relações de gênero. Entretanto, elas variaram quanto a ter apenas o desenho como único recurso analítico, buscando também coletar e analisar as narrativas das crianças, bem como de pais, mães, e de coordenadores(as) e professores(as) das escolas que essas crianças frequentavam, alinhando a representação gráfica à oralidade das crianças e dos adultos.

Em suas metodologias, todas recorreram à observação de desenhos depois de produzidos pelas crianças. Porém, naquelas pesquisas que ampliaram seus objetivos incluindo a oralidade – o que correspondeu à maioria (em 04 das 05 produções) –, foram empregadas também entrevistas e rodas de

² Belotti (1975) não apareceu nos resultados obtidos nas bases de dados por se tratar de uma publicação veiculada no formato de livro e, por isso, não integrou o mapeamento. Então, embora se reconheça que essa linha de pesquisa não teve início com Gobbi (1999), dada a evidência de Belotti (1975) que a antecede, nosso mapeamento aponta que ela só passou a ser sistematicamente divulgada nos formatos de artigo, tese e dissertação a partir de Gobbi. Marino (1957) não é considerado aqui por ser específico ao tema da sexualidade.

conversa, sendo 02 apenas com crianças e 02 com crianças e adultos. Quanto aos participantes, na maioria dos casos (também em 04 de 05 produções) tratava-se de crianças da Educação Infantil, enquanto apenas 01 estudo incluiu crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. No que se refere ao local de pesquisa, apenas um estudo foi realizado em escola privada, sendo os demais conduzidos em escolas públicas.

Em seus resultados, as 05 pesquisas foram unânimes em apontar que as representações das relações de gênero reproduzem estereótipos e desigualdades de gênero, desde o uso de cores, participação em brincadeiras, associação da figura feminina ao cuidado da casa e dos filhos, entre outros. A repetição desses resultados ao longo do período compreendido pelo mapeamento, considerando que são pesquisas realizadas e publicadas em momentos diferentes, indica a permanência de uma sociedade patriarcal marcada pela divisão de gênero, com repercussões desde a infância.

Além de confirmarem que o desenho é um registro dos eventos sociais vivenciados pela criança e, portanto, que suas representações são influenciadas pelo tipo e qualidade de socialização que ela é submetida, também foi notado, sobretudo por 02 estudos, o agenciamento das crianças em suas interações com pares e adultos. Desse modo, algumas crianças, mais do que outras, mostram-se agentes ativos na construção de suas realidades, capazes tanto de incorporar estereótipos de gênero quanto de ressignificá-los, processo relacionado com a construção de sua subjetividade.

Ou seja, ainda que as pesquisas tenham sido unânimes em apontar que as representações reproduziam estereótipos e desigualdades de gênero, em certos contextos também é possível observar o processo de resistência, tal como descrito por Gilligan (2011), em que algumas crianças apresentam rupturas, transformações ou mudanças em relação aos estereótipos, encontrando brechas ou “negociando” com as normas de gênero vigentes no meio em que se encontram. Além de evidenciarem o potencial transformador e de ressignificação desse agenciamento, essas crianças também revelam o resultado de uma luta interna com o externo, que é a resistência, para manterem-se fiel à sua identidade de gênero, indicando uma psique saudável e resiliente: “da mesma forma que um corpo saudável resiste à infecção, uma psique saudável resiste a uma cultura patriarcal que compromete a sua humanidade” (Silva, 2025, p. 3). O caminho para a resistência mostrado pelas crianças inspiram-nos como um convite para que resistamos juntos: para que nós, adultos, recuperemos partes de nossa humanidade perdidas quando fomos iniciados ao patriarcado.

Em seu referencial teórico, constatou-se que as pesquisas, de modo geral, relacionam duas literaturas distintas: sobre o desenho infantil e os Estudos de Gênero. Em algumas delas, notou-se ainda a incorporação de contribuições da Sociologia da Infância e de teóricos brasileiros das ciências sociais. A recorrência de Gobbi (1999) em 04 trabalhos evidenciou sua centralidade nesse campo de investigação. Ainda que muitos autores diversos sejam citados entre os trabalhos, em todos é mantido esse diálogo interdisciplinar entre as duas literaturas principais.

Por fim, embora tenha sido inaugurada há décadas, a escassez de trabalhos encontrados acerca dessa linha de investigação demonstrou que ela não se consolidou em termos de desenvolver uma produção acadêmica robusta. Essa escassez evidencia a necessidade de mais estudos sobre a temática, que é de extrema importância para compreendermos como as meninas e meninos estão vivenciando suas infâncias e como elas são marcadas por normas de gênero patriarcais. Somente a partir de diagnósticos dessa natureza poderemos ampliar o debate sobre as relações de gênero e possibilitar ambientes em que as crianças vivenciem suas infâncias em suas máximas possibilidades, sem distinções acompanhadas de preconceitos, discriminações e violências.

Junto a isso, apontamos para duas lacunas que essas novas pesquisas precisam se atentar: que não se restrinjam à Educação Infantil, contemplando outros níveis de ensino e idades, e que busquem compreender como outros marcadores sociais, como classe social, raça, etnia, sexualidade, território etc., entrecruzam-se com o gênero e influenciam as representações das crianças sobre as relações de gênero.

REFERÊNCIAS

BELOTTI, Elena Gianini. *Educar para a submissão*. Trad. Ephraim Alves. Petrópolis: Vozes, 1975.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 119-126, jan./jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000200004>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

GIBIM, Ana Paula Pereira Gomes; MÜLLER, Fernanda. O que crianças pensam sobre família e relações de gênero?. *Zero-A-Seis*, [s. l.], v. 20, n. 37, p. 76-94, 2018. <<http://dx.doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p76>>.

GILLIGAN, Carol. *Joining the resistance*. Cambridge: Polity Press, 2011

GILLIGAN, Carol. *In a Human Voice*. Polity Press: Hoboken, 2023.

GOBBI, Márcia. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas. *Pro-Prosições*, Campinas, v. 10, p. 139-156, mar. 1999. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644106>>. Acesso em: 3 fev. 2025.

GOBBI, Márcia. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. *Linhas Críticas*, v. 20, n. 41, p. 147-165, 2014. <<https://doi.org/10.26512/lc.v20i41.4265>>.

HANAUER, Fernanda. Riscos e rabiscos - o desenho na Educação Infantil. *Perspectiva: Erechim*, [s. l.], v. 37, n. 140, p. 73-82, out., 2013. Disponível em: <https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_374.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2025.

IAVELBERG, Rosa. *Desenho na educação infantil*. Editora Melhoramentos, 2013.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOITO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v.10, n. spe, p. 37-45, 2007. <<https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>>.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua Arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

LUQUET, George-Henri. *O desenho infantil*. Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Editora do Minho, 1969.

MARINO, Divo. *O desenho da criança*. São Paulo: Editora do Brasil, 1957.

MÈREDIEU, Florence de. *O desenho infantil*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. [Original de 1974]

MONTAGNA, Adelma Pistun. *Expressões de gênero no desenho infantil*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PEREIRA, Artur Oriel; SANTIAGO, Flavio. Cores que desenham o mundo: infâncias e as marcas de gênero, raça e classe. *Educação (UFSM)*, Santa Maria, v. 45, n. 1, p. 1-23, jan., 2020. <<http://dx.doi.org/10.5902/1984644438743>>.

PIMENTA, Daniele Duarte. *O desenho de meninas e meninos na Educação Infantil: um estudo sobre relações de gênero na infância*. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

SAFFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-216.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. Lisboa: Edições Asa, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 3 fev. 2025.

SILVA, Matheus Estevão Ferreira da. Ouvindo a voz diferente como uma voz humana: In a Human Voice, de Carol Gilligan. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 33, n. 3, e106616, 2025. <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2025v33n3106616>>.

SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?. *Revista Trama Interdisciplinar*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 127-140, set./dez., 2016. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9856>>. Acesso em: 3 fev. 2025.

SILVA, Peterson Rigato da; SILVA, Tássio José da; FINCO, Daniela. Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 58, p. 1-27, 2020. <<http://dx.doi.org/10.1590/18094449202000580015>>.

VIANNA, Cláudia P. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. *Educação e Pesquisa*, p. 791-806, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/105657>>. Acesso em: 3 fev. 2025.

Submetido: 20/03/2020

Aprovado: 18/06/2020

Editor(a) de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

O manuscrito é um preprint?

Não.

Os conteúdos subjacentes ao texto do manuscrito já estão disponíveis em sua totalidade e sem restrições ou assim estarão no momento da publicação?

Sim.

Quando oferecida a opção, os autores concordam com a publicação dos pareceres da avaliação de aprovação do manuscrito?

Não.

Quando oferecida a opção, os autores concordam em interagir diretamente com pareceristas responsáveis pela avaliação do manuscrito?

Sim.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Vivian Souza Rosa: Conceptualization, Data curation, Formal analysis, Investigation, Methodology, Project administration, Resources, Writing – review & editing.

Matheus Estevão Ferreira da Silva: Conceptualization, Formal analysis, Investigation, Methodology, Visualization Writing – original draft, Writing – review & editing.

Alessandra de Moraes: Conceptualization, Data curation, Formal analysis, Investigation, Methodology, Supervision, Writing – review & editing.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.